

05.12.2021

CONSCIÊNCIA EM EVOLUÇÃO

“Eu vi a Matéria iluminando sua genitora, a Noite.”

Falamos aqui da evolução da Vida na Matéria, da evolução da Mente na Matéria; mas evolução é uma palavra que só constata o fenômeno, sem explicá-lo. Pois aparentemente não há razão pela qual a Vida deveria evoluir a partir de elementos materiais ou a Mente evoluir a partir de formas vivas, a menos que aceitemos a solução vedântica de que a Vida existe já, involuída, na Matéria e a Mente involuída na Vida, porque em essência Matéria é uma forma de Vida velada, Vida uma forma de Consciência velada. E então parece haver pouca objeção para um passo a mais na sequência, e admitir que a própria consciência mental pode ser uma forma e um véu de estados superiores que estão além da Mente. Nesse caso, o impulso invencível do homem em direção a Deus, Luz, Beatitude, Liberdade, Imortalidade encontra-se no lugar certo nessa cadeia, sendo simplesmente o impulso imperativo pelo qual a Natureza está buscando evoluir além da Mente, e parece ser tão natural, verdadeiro e justo quanto o impulso em direção à Vida, implantado pela Natureza em certas formas de Matéria, ou o impulso em direção à Mente que ela implantou em certas formas de Vida. Aqui, como lá, o impulso existe, de modo mais ou menos obscuro, nos diferentes recipientes da Natureza, com o poder de sua vontade de ser ascendendo os degraus cada vez mais altos da escala; aqui, como lá, a Natureza está evoluindo gradualmente, e é destinada a desenvolver de modo total os órgãos e faculdades necessárias. Assim como o impulso em direção à Mente estende-se desde as reações mais sensitivas da Vida no mineral e na planta até chegar à sua completa organização no ser humano, assim também existe no ser humano a mesma série ascendente, a preparação, ao menos, de uma vida superior e divina. O animal é um laboratório vivo no qual, assim foi dito, a Natureza elaborou o homem. O próprio homem pode bem ser um laboratório vivo e pensante no qual, e com a colaboração consciente do qual, ela quer elaborar o super-homem, o deus. Ou não

poderíamos dizer, então, manifestar Deus? Pois se a evolução é a progressiva manifestação pela Natureza daquilo que, involuído, nela dormia ou trabalhava, é também a realização declarada daquilo que a Natureza secretamente é. Não podemos então impor-lhe uma pausa em um dado estágio de sua evolução, nem temos, com o religioso, o direito de condenar como perverso e pretensioso, ou então, com o racionalista, de julgar como doença ou alucinação, toda intenção que ela demonstre ou todo esforço que possa fazer para ir além. Se é verdade que o Espírito é involuído na Matéria e a Natureza aparente é Deus secreto, então manifestar o divino em si mesmo e realizar Deus internamente e externamente são os mais altos e mais legítimos objetivos possíveis ao ser humano sobre a terra.

SRI AUROBINDO, A VIDA DIVINA

No começo, diz o Veda, era o oceano da inconsciência e dele ergueu-se no nascimento Aquele Um por sua grandeza – pelo poder de sua Energia automanifestadora.

Mas o Inconsciente, se máscara, é máscara efetiva do Espírito; ele impõe à vida e à alma em evolução a lei de um dificultoso emergir. A vida e a consciência, não menos do que a Matéria, obedecem em sua primeira aparição à lei da fragmentação. A vida se organiza fisicamente em torno do plasma, da célula, psicologicamente em torno do diminuto, separativo ego fragmentário. A própria consciência tem de concentrar-se, em seus pequenos começos, numa pobre formação de superfície e ocultar detrás do véu de sua limitada existência de superfície as profundezas e infinitudes de seu próprio ser. Ela tem de crescer vagarosamente numa formulação exterior até que esteja pronta para romper a crosta entre esta pequena figura exterior de nós mesmos, que pensamos ser o todo, e o self oculto dentro de nós. Mesmo o ser espiritual parece obedecer a esta lei de fragmentação e manifestar, como uma unidade no todo, uma centelha de si próprio a qual evolve numa psique individual. É a este pequeno ego, esta consciência fragmentada, esta centelha-alma oculta que é imposta a tarefa de defrontar e lutar com as forças do universo, entrar em contato com tudo o que parece não ser ele próprio, de crescer sob a pressão da Natureza interior e exterior até que se torne uno com a inteira existência. Ele tem de crescer até a

autoconsciência e consciência-de-mundo, entrar em si próprio e descobrir que é um ser espiritual, ir para fora de si próprio e descobrir sua verdade maior como o Indivíduo cósmico, ir além de si próprio e conhecer e viver num supremo Ser e Consciência e Beatitude de existência. Para esta tarefa imensa ele é equipado somente com os instrumentos de sua Ignorância original. Seu ser limitado é a causa de toda a dificuldade, discórdia, luta, divisão que desfiguram a vida. As limitações de sua consciência, incapaz de dominar ou assimilar os contatos da Energia universal, é a causa de todo o seu sofrimento, dor e pesar. Seu poder limitado de consciência formulado numa vontade ignorante, incapaz de apreender ou seguir a lei correta de sua vida e ação é a causa de todo o seu erro, mal-fazer e mal. Não há outra causa verdadeira; pois todas as causas aparentes são, elas próprias, circunstância e resultado deste pecado original do ser. Somente quando se ergue e se amplia para fora de sua limitada consciência separativa, para a unidade do espírito liberado é que ele pode escapar destes resultados de seu crescimento de dentro da Inconsciência.

Uma sociedade humana espiritual começaria de e tentaria realizar três verdades essenciais de existência das quais a Natureza inteira parece ser uma tentativa de ocultar por meio de seus opostos e que, por conseguinte, são ainda para a massa da humanidade apenas palavras e sonhos – Deus, liberdade, unidade. Três coisas que são uma só, pois você não pode realizar liberdade e unidade a não ser que realize Deus, você não pode possuir a liberdade e a unidade a menos que possua Deus, possua ao mesmo tempo seu self mais alto e o self de todas as criaturas. A liberdade e a unidade que passam por este nome são simples tentativas de nossa sujeição e de nossa divisão de livrar-se de si próprias fechando os olhos enquanto dão cambalhotas em torno de seu próprio centro. Quando o homem for capaz de ver Deus e de possuí-lo ele então conhecerá a real liberdade e chegará à real unidade, jamais de outra forma. E Deus está só à espera de ser conhecido, enquanto o homem O busca por toda parte e cria imagens do Divino, mas todo o tempo só encontra verdadeiramente, erige efetivamente e adora imagens de seu próprio ego-mente e ego-vida. Quando este pivô do ego é abandonado e esta caçada do ego cessa, então o homem tem sua primeira chance real de realizar a

espiritualidade em sua vida interior e exterior. Não será suficiente, mas será um começo, um portal verdadeiro e não uma entrada cega.

Uma sociedade espiritualizada viveria como seus indivíduos espirituais, não no ego, mas no espírito, não como o ego coletivo, mas como a alma coletiva.

Assim uma sociedade que fosse ainda que só inicialmente espiritualizada faria da revelação e descoberta do Self divino no homem o inteiro objetivo primordial de todas as suas atividades, sua educação, seu conhecimento, sua ciência, sua ética, sua arte, sua estrutura econômica e política.

Uma sociedade espiritualizada trataria em sua sociologia o indivíduo, do santo ao criminoso, não como unidades de um problema social a ser passado através de alguma maquinaria habilmente concebida e ou nivelada no molde social ou triturada para fora dele, mas como almas sofrendo e enredadas numa rede e devendo ser resgatadas, almas crescendo e devendo ser encorajadas a crescer, almas crescidas e das quais ajuda e poder podem ser obtidos pelos espíritos menores que não são ainda adultos. A meta de sua economia não deveria ser criar uma gigantesca máquina de produção, seja do tipo competitivo ou cooperativo, mas dar aos homens – não somente a alguns deles, mas a todos os homens, a cada um em sua mais alta medida possível – a alegria de trabalhar de acordo com sua própria natureza e livre lazer para crescer interiormente, bem como, de forma simples, uma vida rica e bela para todos. Em sua política ela não olharia as nações no escopo de sua própria vida interna como sendo enormes máquinas de Estado, reguladas e encouraçadas, com o homem vivendo pelo bem da máquina e adorando-a como seu Deus e sua vida maior, contente em, ao primeiro chamado, matar outros sobre seu altar e a sangrar ali ele próprio, de modo que a máquina possa permanecer intacta e poderosa e tornada ainda maior, mais complexa, mais morosa, mais mecanicamente eficiente e inteira. Nem estaria ela contente em manter estas nações ou Estados em suas relações mútuas como sendo engenhos nocivos destinados a descarregar uns sobre os outros gases venenosos, em períodos de

paz, e em tempos de conflito precipitar-se umas sobre as hostes armadas e os milhões desarmados das outras, cheias do fragor de tiros e de homens com a missão de matar como tanques hostis num campo de batalha moderno. Ela veria os povos como almas-grupo, a Divindade oculta e a ser autodescoberta em suas coletividades humanas, almas-grupo destinadas, como o indivíduo, a crescer de acordo com sua própria natureza e, por meio deste crescimento, ajudar umas às outras, ajudar à raça inteira no trabalho único, em comum da humanidade. E esse trabalho seria descobrir o Self divino no indivíduo e na coletividade e realizar, espiritualmente, mentalmente, vitalmente, materialmente, suas possibilidades maiores, mais vastas, ricas e profundas na vida interior de todos e em sua ação e natureza exterior.

Pois é no Divino dentro de cada homem e de cada povo que o homem e a nação têm de crescer; não é uma ideia ou regra que tem de ser imposta a eles desde o exterior. Assim, a lei de uma crescente liberdade interior é a que será mais honrada na era espiritual da humanidade.

Pois a sociedade perfeitamente espiritualizada será aquela em que (...) todos os homens serão profundamente livres, e ela será assim porque a condição preliminar terá sido cumprida. Nesse estado, cada homem será, não uma lei para si mesmo, mas a lei, a lei Divina, porque ele será uma alma vivendo no Divino e não um ego vivendo principalmente, se não inteiramente para seu próprio interesse e objetivo. Sua vida será conduzida pela lei de sua própria natureza divina liberada do ego.

Tampouco isto significará um esfacelar-se de toda a sociedade humana na ação isolada de indivíduos; pois a terceira palavra do Espírito é unidade. A vida espiritual é a flor, não de uma unidade sem feições, mas de uma unidade consciente e diversificada. Cada homem tem de crescer para o Divino dentro de si próprio através de seu próprio ser individual, por conseguinte é uma certa medida crescente de liberdade uma necessidade do ser à medida que ele se desenvolve, e liberdade perfeita é o signo e a condição da vida perfeita. Também, contudo, o Divino que ele assim vê em si próprio ele vê igualmente em todos os outros e como sendo o mesmo Espírito em tudo. Por

consequente, também, uma crescente unidade interior com outros é uma necessidade de seu ser e perfeita unidade é o signo e a condição da vida perfeita. Não somente ver e encontrar o Divino em si próprio, mas ver e encontrar o Divino em todos, não somente buscar sua própria libertação individual ou perfeição, mas buscar a libertação e a perfeição dos outros é a lei completa do ser espiritual. (...)

Aquele que vê deus em todos irá livremente servir a todos com o serviço do amor. Ele irá buscar não somente sua própria liberdade, mas a liberdade de todos, não somente sua própria perfeição, mas a perfeição de todos. Ele não sentirá sua individualidade perfeita exceto na universalidade mais vasta, nem que sua vida seja plena, exceto se ela fora uma com a vida universal. Ele não viverá para si próprio ou para o Estado e a sociedade, para o ego individual ou para o ego coletivo, mas para algo muito maior, para Deus em si próprio e para o Divino no universo.

SRI AUROBINDO, O CICLO HUMANO

EVOLUÇÃO

SRI AUROBINDO

Nem tudo está terminado no decreto do Não visto!

U'a mente além de nossa mente exige nossa compreensão;

Uma vida de harmonia não imaginada

Espera, oculta, pelo abraço de homens não nascidos.

Os rudes começos da terra sem vida

E os frêmitos sem mente da planta e da árvore

Prepararam nosso pensamento; o pensamento, para um nascimento divino

Amplia o molde de nossa mortalidade.

Um poder que nenhuma vontade ou força humana poderia conquistar,

Um conhecimento assentado na eternidade,

Uma alegria além de nossa luta e de nossa dor

É dessa criatura obstada pela terra o destino.

Ó Tu que escalaste até a mente desde a turva pedra,

Volta-te para os cumes miraculosos não vencidos ainda.